

SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA: era uma vez um município chamado Maniçoba

FERNANDA RODA DE SOUZA ARAÚJO CASSUNDÉ

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)

fernanda.roda@univasf.edu.br

ACERLANDIA IRACI DE SOUZA

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO (UPE)

acerlandia@hotmail.com

AYRTON ARTHUR NOBRE BARBOSA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)

ayrton-arthur@hotmail.com

LINCOLN NUNES SOLANO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)

lincolnsolano@gmail.com

GEOVANE SOARES DA SILVA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF)

geovane.univasf@gmail.com

SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA: era uma vez um município chamado Maniçoba

RESUMO

O objetivo do estudo é analisar como ocorreu a implementação do Distrito Irrigado de Maniçoba (DIM) tendo em vista que, para o sucesso de qualquer empreendimento, é necessário considerar questões de relacionamento e de natureza histórica. Importante destacar que na análise da realidade organizacional é preciso contemplar vozes do “passado” e dos “esquecidos”, ou seja, resgatar a palavra de indivíduos que, sem a mediação do pesquisador, não deixariam nenhum testemunho, pois as organizações somente serão satisfatoriamente compreendidas a partir do momento em que sua história for conhecida. Nesse sentido, para o alcance dos objetivos propostos foi desenvolvido um estudo qualitativo, baseado na perspectiva fenomenológica, visto que buscou retratar a realidade a partir das experiências subjetivas dos sujeitos. A estratégia de pesquisa para este estudo é o da História Oral (HO), que pode ser compreendida como um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista no registro de narrativas da experiência humana. O lócus de estudo foi o Distrito Irrigado de Maniçoba, tendo em vista sua importância econômica e social para a região na qual está inserida. Participaram do estudo o gerente do DIM e o atual presidente do Conselho de Administração dos produtores. Os relatos obtidos por meio da HO evocam a percepção de que na medida em que o tempo avançou, a comunidade de Maniçoba foi se apropriando de espaços de decisão e assumindo certo protagonismo que era, historicamente, atribuído apenas à CODEVASF.

Palavras-chave: História Oral, fenomenologia, estudos organizacionais, perspectiva crítica.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a compreensão social e o avanço das ciências têm sido conduzidos por uma abordagem empirista, que se limita à aplicação de técnicas de pesquisa, quase sempre alinhadas à racionalidade instrumental, fundamentadas no paradigma hegemônico funcionalista (MELO; REGIS; VAN BELLEN, 2015).

Muitas destas técnicas foram desenvolvidas nos anos 60, segundo o viés funcionalista adaptativo, com o objetivo unicamente de acelerar os métodos de desenvolvimento organizacional das grandes empresas americanas e, posteriormente, adaptadas ao planejamento governamental. Já tinham um caráter participativo (mobilizar o conhecimento dos sujeitos na formulação dos diagnósticos e dos planos e, ao mesmo tempo, engajar as pessoas na sua execução), e terminaram sendo adaptadas também para o trabalho comunitário, com algumas possibilidades efetivas, mas com muitos problemas identificados (MATOS, 2003, p.47).

Estes problemas têm como sua causa principal a insistência em aplicarmos à compreensão das organizações sociais a mesma lógica produtivista e competitiva das empresas privadas, sem atentarmos para o fato de que a racionalidade nas organizações sociais precisa se fundar em reflexões críticas sobre a realidade, a fim de evitarmos a manipulação e os determinismos. Na realidade,

o gerencialismo não ficou circunscrito ao mundo empresarial e corporativo tradicional. Ele e seus modelos estão invadindo inúmeras esferas de nossa vida cotidiana. Hoje se espera, e há aqueles que inclusive defendem, que hospitais, ONGs, organizações filantrópicas, religiosas e até mesmo escolas e universidades sigam as normas e os ditames da gestão das empresas tradicionais. Assumimos que o processo de produzir conhecimento, cuidar de pessoas e lutar por causas humanas pode seguir as mesmas regras de gestão da produção em série de latas de sardinha. Passamos a gerir organizações com focos, objetivos e funções sociais totalmente diferentes como se fossem fábricas de sabonete (ALCADIPANI, 2011, p.345).

Afinal, a quem pertence a intervenção sociológica? Ao sujeito que é o agente ativo, que age movido por suas próprias razões, que reflete e decide com autonomia, que se apropria de um saber construído na sua própria história, com o qual reorienta seu destino **ou** aos agentes externos que detêm o saber e o poder de tomar iniciativa e de transformar a realidade para o outro, supostamente incompetente?

A resposta a esta pergunta nos leva a entender a necessidade de a intervenção sociológica superar sua visão técnica e caminhar em direção a autonomia do sujeito para assumir seu compromisso com a transformação social. É preciso, então, abdicar da hegemonia e do controle centralizado dos processos sociais em benefício da autonomia local, garantindo a reflexão crítica como fundadora do controle social pela comunidade (MATOS, 2003, p. 52).

Diante dessas considerações iniciais, o objetivo desse artigo é reconstruir a história do Distrito Irrigado de Maniçoba (DIM), perímetro irrigado localizado em Juazeiro/BA, através da narrativa dos sujeitos sociais, de modo a compreender de que maneira o envolvimento e a participação em grupos gerou consequências para o indivíduo e para a própria comunidade.

Considera-se importante o estudo das dinâmicas de adaptação dos perímetros irrigados porque torna-se possível compreender “as estratégias de reprodução destas unidades de produção num contexto de fortes recomposições técnicas, econômicas e **sociais**” (MARINOZZI; CORREIA, 1999, p.2, grifo nosso). Tais recomposições são entendidas, no âmbito deste estudo, como intervenções. “Intervir no sentido de subverter a realidade instituída, de promover uma ruptura no equilíbrio social existente,

que se mantém através do *habitus* [...], de procurar resgatar uma dignidade humana perdida na teia econômica” (MATOS; ALMEIDA, 2007, p.2).

Nesse sentido, Touraine (1982) alerta que os pesquisadores que se interessam pelos atores históricos devem recorrer a uma estratégia de pesquisa mais diretamente historiográfica. Assim, considerando a necessidade de uma escuta mais cuidadosa para a compreensão do processo de desenvolvimento do DIM, recorreu-se à História Oral (HO) através da qual, conforme aponta Portelli (2000), é possível pesquisar sobre a memória de indivíduos na contramão da memória das elites. Logo, deve-se apontar para a relevância da HO por inserir o “outro” (BARROS; CARRIERI, 2015), indivíduos, grupos, instituições que acabaram caindo no esquecimento ou no silêncio, frequentemente relegados ao campo dos “exóticos” (ALCADIPANI; ROSA, 2010), mas que constituem parte importante de um local ou região capaz de produzir saberes legítimos.

Este artigo, portanto, está organizado em cinco seções, além desta introdutória. A seção dois discute a perspectiva da História Oral no campo dos estudos organizacionais (EO). Os procedimentos metodológicos são explicados na seção 3. Em seguida, apresenta-se ao leitor deste artigo um prólogo sobre o Vale das Frutas e os perímetros irrigados. Tomamos o entendimento do termo prólogo àquele utilizado originalmente nas tragédias gregas, para a parte que antecedia à entrada do coro e da orquestra, ato principal da peça (MOISÉS, 2002), qual seja, a seção cinco: o relato sobre a implementação do Distrito Irrigado de Maniçoba. O artigo finaliza com a seção seis onde são tecidas as considerações finais.

A HISTÓRIA ORAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A análise das organizações pelo viés histórico se configura em algo relevante para entender os problemas enfrentados no cotidiano empresarial, não é a toa que desde a década de 1950 a história empresarial tem sido uma das forças pioneiras para a história oral (FRIDENSON, 2008). Nesse sentido, é importante esclarecer que “a importância da pesquisa histórica para a Administração está no fato de poder reconstruir” o passado (SANTOS; MASSAROPPE; VIEIRA, 2012, p. 06), assim, as versões do passado podem inspirar e motivar os membros da organização, bem como ajudá-los a entender o seu ambiente, conforme assinalam Amtoft (1994), James e Minnis (2004) e Vizeu (2007). O foco de pesquisa da história organizacional é, portanto, bem abrangente, engloba, não apenas, “estudos sobre o passado e o futuro das organizações, mas estudos acerca do sentido do passado e do futuro para as organizações; estudos dos processos organizacionais por detrás das histórias corporativas oficiais” (COSTA; BARROS; MARTINS, 2009, p.11). Aos pesquisadores, as histórias organizacionais oferecem um ponto de entrada natural para entender e, até intervir, na organização (BOYCE, 1996).

Assim, com o crescente interesse dos pesquisadores da área de estudos organizacionais por metodologias qualitativas, conforme exemplificam Cassundé, Barbosa e Mendonça (2016), a perspectiva histórica tem muito a colaborar com o desenvolvimento do conhecimento em Administração: “com recursos teóricos e metodológicos próprios que proporcionam o conhecimento de realidades organizacionais e administrativas contemporâneas por um novo viés - a história do tempo presente na narrativa” dos sujeitos sociais (GOMES; SANTANA, 2010, p.2). Nesse sentido, Barros e Carrieri (2015, p. 152) acrescentam ainda que os estudos que usam, “de maneira dialógica, a história e o cotidiano podem possibilitar o aparecimento de outros olhares sobre os saberes e práticas na Administração, especialmente nos Estudos Organizacionais” (BARROS; CARRIERI, 2015), podendo ser considerada uma das estratégias, inclusive, para a superação da hegemonia anglo-saxônica (CASSUNDÉ;

BARBOSA; MENDONÇA, 2016) na produção e distribuição de conhecimentos da área.

Como forma de atender a esta nova perspectiva de análise organizacional surge a HO, que, conforme esclarecem Ichikawa e Santos (2003, p. 2), é “uma história do tempo presente, pois implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. Nesse sentido, a história oral é um relato que é permeado por diversas impressões de quem o conta e é possuidor de uma carga valorativa, delineada a partir do passado, mas que se relaciona com o presente. Dessa maneira, o contexto no qual as coisas ocorreram e quando elas foram relatadas possuem influências sobre a realidade. A HO se configura como “uma alternativa à história oficial, pois é capaz de captar experiências pessoais mantendo um compromisso com o contexto social” (GOMES; SANTANA, 2010, p.2).

Ainda segundo os autores, a história oral

abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir. Além de nos possibilitar o conhecimento de diferentes “versões” sobre determinado ponto, os depoimentos podem apontar continuidade, descontinuidade ou mesmo contradições no discurso do depoente (GOMES; SANTANA, 2010, p.5).

Um dos maiores méritos da HO é a quebra do monopólio do “poder contar a história” e do “ter a sua história contada”, que quase sempre estava concentrado nas mãos das elites e voltado para as próprias elites, já que eram os pesquisadores dominantes de um campo que definiam quais seriam as questões importantes, num dado momento do tempo, sobre as quais deveriam concentrar seus esforços de pesquisa (BOURDIEU, 2004). Isso implica em uma mudança de paradigma, pois por meio da história oral é que muitas pessoas que antes não teriam vez e voz passam a poder expressar as suas versões sobre determinado fato, além de poderem fazer parte da construção de relatos para manter viva a história de determinadas localidades e/ou acontecimentos.

Além disso, a HO tem influência significativa na formação do indivíduo, bem como do meio social em que ele está inserido. Para Le Goff (2003, p.476, grifo do autor), a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. Nesse sentido, buscar nas pessoas os relatos do quê e como as coisas ocorreram é uma forma de preservar a construção da identidade individual e/ou grupal, afinal, o passado tem influência sobre os indivíduos.

Importa dizer, por fim, que a pesquisa histórica no campo dos estudos organizacionais (EO) é bastante recente, já que, mesmo considerando as dificuldades paradigmáticas, a área de história em EO começa a crescer, no Brasil, somente a partir de 2008 (CARNEIRO, 2016). Tal fato procura justificativa em função do paradigma dominante da área e também em razão de o campo da Administração ter trilhado mais o caminho do conflito do que o do consenso, “com destaque para as polarizações e antagonismos acirrados entre paradigmas e pesquisadores, que vão opondo-se em argumentos, seguindo uma previsível escalada de ataques” (BARBOSA et al, 2013, p.18) e sem qualquer possibilidade de conciliação. Ou seja, ao ser considerado o caráter pragmático que permeia a Administração (MELLER; HERNANDES; ATAMANCZUK, 2013), é de esperar que esta ciência não tenha se voltado para a compreensão e análise histórica do contexto organizacional, visto que se preocupa, iminentemente, com o presente e o futuro (GOMES; SANTANA, 2010; SANTOS; MASSAROPPE; VIEIRA, 2012).

No entanto, “tendo em vista a riqueza que se apresenta através do diálogo entre a História e a Administração” (GOMES; SANTANA, 2009, p.2), não deve ser mais permitido, conforme alerta Ferreira (2010), que a área simplesmente dispense o conhecimento histórico para a compreensão da realidade organizacional. Assim, um caminho trilhado pelos pesquisadores de EO no sentido de se desvencilhar do pensamento positivista oitocentista é passar a considerar a natureza histórica das organizações sociais, compreendendo que “diferentes culturas em diferentes momentos históricos representam diferentes significados e visões de mundo, tornando imprescindível ao pesquisador social reconhecer a posição de destaque da história na explicação dos fenômenos sociais” (VIZEU, 2007, p.3).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A realização de uma investigação tendo como base a compreensão, o olhar e as experiências dos sujeitos envolvidos com o fenômeno investigado exige a escolha de um método que permita considerar as especificidades de tal fenômeno e possibilite o entendimento do contexto em estudo e da dimensão da experiência humana o mais próximo da realidade (RIBEIRO; MACHADO, 2014).

Assim, este estudo adotou uma abordagem predominantemente qualitativa (MERRIAM, 2002) baseada na perspectiva fenomenológica, visto que busca retratar a realidade a partir das experiências subjetivas dos sujeitos (HUSSERL, 2001). Nessa perspectiva, assume-se que a realidade social é construída por e através de interpretações simbólicas e culturais, teias de significado e significados construídos e usados pelos atores envolvidos (PERECMAN; CURRAN, 2006).

É importante destacar que na fenomenologia, conforme esclarecem Easterby-Smith, Thorpe e Jackson (2015), o trabalho dos cientistas sociais não deve ser para coletar fatos e medir com que frequência certos padrões ocorrem - comportamento próprio do positivismo, mas para apreciar as diferentes construções e significados que as pessoas colocam em sua experiência. O foco deve ser o que as pessoas, individual e coletivamente, pensam e sentem, e a atenção deve ser dada à maneira como elas se comunicam entre si, verbalmente ou não. De tal modo, este estudo aproxima-se da abordagem construtivista de Berger e Luckmann (1966), isto é, parte-se do pressuposto de que a análise histórica é composta a partir do contexto social em que é produzida (ASTLEY, 1985).

Considerando, portanto, que não existem dados ou mesmo relatos documentados sobre o Distrito de Irrigação Maniçoba, torna o trabalho de resgate da história um processo que necessita ser realizado por meio das pessoas que fizeram e/ou fazem parte dessa região. Nesse sentido, a compreensão de sua implementação, passa pelas histórias e impressões das pessoas que vivenciaram o desenvolvimento do DIM.

A estratégia de pesquisa utilizada, portanto, foi a da História Oral (GIVEN, 2008). Importa dizer que esta estratégia de pesquisa permite recolher informações sobre o passado, reunindo dados não disponíveis em registros escritos ou em locais onde as provas documentais são escassas. De acordo com Peregman e Curran (2006), o uso da História Oral tem se revelado útil para compreender as maneiras pelas quais os sujeitos recordam os meios de subsistência, os conflitos, a autoridade política, as autoconcepções e as práticas sociais do passado. Embora o inquérito narrativo ainda seja uma metodologia pouco aplicada no campo dos estudos organizacionais, Chase (2005) reforça sua importância e a necessidade de seu uso quando interessa ao pesquisador compreender o indivíduo em seu contexto social e histórico.

O campo empírico da pesquisa foi o Distrito Irrigado de Maniçoba (DIM), localizado na zona rural de Juazeiro/BA e situado no polo de irrigação mais

desenvolvido do Vale das Frutas. O DIM é considerado exemplo para os outros perímetros irrigados da região em função da organização de seus produtores por meio de associações ou cooperativas. A Associação de Pequenos Produtores Manga Brasil, localizada no Perímetro de Irrigação Maniçoba, atua desde 2005, e possui cerca de 58 integrantes. Desde então, conforme dados obtidos no sítio da CODEVASF (2012), tem obtido destaque pela comercialização de manga para o mercado interno (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Vitória) e externo (Holanda, Alemanha, Inglaterra e Canadá). Nessa perspectiva, dada a importância do DIM enquanto modelo para os outros perímetros irrigados e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social local, ele foi escolhido como lócus desse estudo.

A entrevista não-estruturada foi utilizada como técnica de coleta de dados em razão do escopo exploratório que se pretendia realizar. A principal função do pesquisador, quando utiliza esta técnica, é impedir que os entrevistados fujam da discussão ou limitem-na artificialmente (TOURAINÉ, 1982). Parte-se do pressuposto, portanto, que a entrevista não-estruturada é uma “forma especial de conversação”, conforme destaca Mattos (2005, p.826), e que serve

a pesquisas voltadas para o desenvolvimento de conceitos, o **esclarecimento de situações**, atitudes e comportamentos, ou o enriquecimento do significado humano deles. Isso tem extensões poderosas na geração de teorias e decisões práticas, e não se confunde com outro tipo de utilidade, a generalização indutiva, propiciada pela estatística (MATTOS, 2005, p.825, grifo nosso).

Na perspectiva adotada para esse estudo, a entrevista apresenta caráter temático e é “realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento - não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante” (FREITAS, 2006, p.8), apenas um período específico de sua vida (ALBERTI, 2004). Importa dizer ainda que as entrevistas de HO se baseiam na memória, sendo esta considerada um instrumento subjetivo para registrar o passado (TRUESDELL, 2013).

Participaram da entrevista os sujeitos que constituem o grupo considerado relevante, conforme especifica Gaskell (2010), para o atingimento dos objetivos propostos, sendo escolhidos de acordo com o critério de tipicidade (CRESWELL, 2014). Deste modo, a seleção dos sujeitos foi feita a partir da importância atribuída à contribuição deles para o estudo (LAVILLE e DIONE, 1999). Foram entrevistados dois sujeitos: o gerente geral do DIM (Ent_1ⁱ) e o presidente do Conselho de Administração dos produtores (Ent_2ⁱⁱ). A entrevista, realizada em abril de 2017, na sede do DIM, teve duração de 74 minutos. É importante dizer neste momento que, apesar dos pesquisadores terem tentado diversos contatos com membros da CODEVASF, não houve disponibilidade por parte deles para participação neste estudo.

A análise de dados seguiu as orientações de Toutier-Bonazzi (1998), ou seja, os pesquisadores analisaram os relatos de modo que estes se tornassem um texto literário, tentando recuperar o ritmo da palavra e as impressões recebidas durante a realização da entrevista.

PRÓLOGO: O VALE DAS FRUTAS E OS PERÍMETROS IRRIGADOS

O Rio São Francisco, em função da sua extensão, ligando o Nordeste ao Centro-sul do Brasil, possui grande importância geográfica, econômica, cultural e histórica no que concerne à ocupação, expansão e desenvolvimento do território brasileiro, notadamente no semiárido nordestino (CAMELO FILHO, 2005; ARRAES, 2013; LEÃO; MOUTINHO, 2014).

Considerado como o Rio de Integração Nacional, a partir da Independência do Brasil, apresenta importante função estratégica (CAMELO FILHO, 2005), já que as extensões territoriais que o margeiam são dotadas de alto potencial produtivo (LEÃO; MOUTINHO, 2014; CASSUNDÉ JUNIOR, 2015).

A região denominada Vale do Submédio do São Francisco (Pernambuco/Bahia) possui o mais importante arranjo produtivo local (APL) de fruticultura do país (LEÃO; MOUTINHO, 2014). A atividade econômica do Vale, centrada na agricultura irrigada (CBHSF, 2012), tornou a região a principal exportadora de frutas frescas do Brasil, especialmente uva e manga (SAMPAIO; CASSUNDÉ; CASSUNDÉ JUNIOR, 2017).

Nessa perspectiva, importa dizer que, apesar de diversos autores utilizarem as expressões Polo Juazeiro/Petrolina (LANDIM; ALENCAR, 2013; MATTOSINHO et al, 2013; FREITAS; RUPOLO; OLIVEIRA, 2014) ou Submédio do Vale do São Francisco (GALVÃO, 2010; SILVA et al, 2012; BARBOSA; FERNANDES; LAGE, 2013; RIBEIRO et al, 2013) para se referir à região, Sampaio, Cassundé e Cassundé Junior (2017) alertam que seria mais indicada a expressão “Vale das Frutas” por duas razões principais:

- a) a expressão “Polo Petrolina/Juazeiro” ou, simplesmente, “Juazeiro/Petrolina” não mais efetivamente responde pela economia movimentada na região de seu entorno, pois muitas outras cidades circunscritas a Petrolina, no território pernambucano, e a Juazeiro, no território baiano, contribuem para que a região tenha sido evidenciada como um reconhecido caso de sucesso internacional (QUEIROZ et al, 2012);
- b) a expressão “Submédio do Vale do São Francisco” é ampla demais para representar a realidade da produção do agronegócio da região.

No centro da cadeia produtiva do Vale das Frutas estão os perímetros irrigados de Juazeiro e Petrolina (Maniçoba/BA, Mandacaru/BA, Tourão/BA, Curaçá/BA, Nilo Coelho/PE, Maria Teresa/PE e Bebedouro/PE), cuja implementação foi iniciada por volta da década de 60, pelo Governo Federal, através da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), sendo considerados, por diversos autores, como o polo irrigado mais bem-sucedido do Nordeste (SAMPAIO; SAMPAIO, 2004; ORTEGA; SOBEL, 2010; CASSUNDE JUNIOR, 2015).

Os primeiros perímetros implantados na região foram o do Bebedouro e o do Mandacaru, que serviram de parâmetros para a análise da viabilidade de implantação dos demais. Em cada perímetro implementado pela CODEVASF existem as chamadas “áreas de empresas” e áreas de “colonização”, estas últimas foram feitas para serem exploradas por produtores familiares, esclarecem Ortega e Sobel (2010).

O Distrito Irrigado de Maniçoba (DIM), por sua vez, está localizado na zona rural de Juazeiro, a 33 quilômetros da sede do município pela rodovia BA-210 e à margem direita do rio São Francisco. Possui uma área com cerca de 8.269 hectares destinados à irrigação (ALENCAR, 2015). Das áreas irrigáveis, 46,21% são ocupadas por empresas, 31,88% por colonos e 21,91% por associações ou terceiros. Embora a área empresarial seja a maior em tamanho, não é expressiva em número de lotes. Os empresários detêm apenas 8,83% dos lotes do DIM. Já os colonos, são responsáveis pela administração de 44,38% dos lotes. Em relação aos investimentos do Governo Federal, até o ano de 2015 foram aplicados no DIM cerca de R\$83.883.895,14 e em 2016 o DIM obteve um valor bruto de produção (VBP) na ordem de R\$117.195.000,00 (CODEVASF, 2017). Segundo dados disponíveis no sítio da CODEVASF (2017), em 2016 foram gerados no DIM cerca de 6.654 empregos diretos e 9.982 e empregos indiretos, com uma produção de 282.495 t. de alimentos.

A seguir é contada a história do Distrito.

ERA UMA VEZ UM MUNICÍPIO CHAMADO MANIÇOBA

Criado no início da década de 80, pela CODEVASF e por ela inicialmente administrado, o perímetro irrigado de Maniçoba tinha como objetivo fazer com que as famílias permanecessem no campo, promovendo uma maior qualidade de vida através da geração de empregos e produção de alimentos. As metas iniciais eram irrigar 4.367 hectares e assentar 234 pequenos produtores e 55 empresários.

A CODESVASF era responsável por gerir o pagamento da tarifa d'água, no entanto, em razão da burocracia das instituições públicas, não havia o retorno imediato para investimento no perímetro, fato que causava grande descontentamento por parte das famílias assentadas e, conseqüentemente, inadimplência no pagamento. Havia também uma cooperativa e uma associação, responsáveis pela operação e manutenção, respectivamente, do perímetro, só que em função da rivalidade de seus membros, não obtiveram sucesso e foram desfeitas.

Assim, como estratégia para resolução destes problemas, a CODEVASF criou, em 1990, dez anos após a instalação do perímetro, o Distrito de Irrigação, uma instituição sem fins lucrativos, concedendo autonomia na administração dos recursos arrecadados através da tarifa d'água, viabilizando e facilitando o investimento na operação e manutenção do perímetro. A mudança na forma de gestão parece ter agradado aos produtores, visto que, conforme destacou o Ent_1,

a criação dos Distritos facilita, ou seja, dá uma autonomia a nós administrarmos o dinheiro que é gerado aqui dentro com a tarifa d'água, então isso facilita muito a administração (Ent_1).

Quando da criação do perímetro, dava-se ênfase às culturas de ciclo curto, tais como tomate, melão, melancia, cebola, no entanto, essas culturas apresentavam um risco muito grande, tanto que diversos produtores sofreram com isso e chegaram a vender seus lotes, pois não haviam condições de garantia para manutenção de suas despesas, embora existisse uma assistência técnica, implementada pela CODEVASF, para ajudar os produtores. O Ent_2 enfatiza a importância do Ent_1 desde essa época.

Seu Valter era coordenador lá e foi quem desenvolveu muita muda e incentivou a gente a plantar. Ele tem uma responsabilidade muito grande com o sucesso desse perímetro, desde desse tempo, não foi só de 8 ou 10 anos de Distrito para cá não! (Ent_2).

Até o fim da década de 80 a CODEVASF era responsável técnica e financeiramente pela assistência técnica. Com a criação do Distrito, na década seguinte, a CODEVASF passou a responder apenas pela parte financeira, através de convênios com a cooperativa, a associação ou empresas terceirizadas, e o DIM pela pesquisa e desenvolvimento. Mesmo com o fim dos recursos fornecidos pela CODEVASF, por volta de 2015, o DIM não abriu mão da manutenção da assistência, passando a assumir também a responsabilidade financeira.

A CODEVASF também implementou, quando da criação do perímetro, uma Unidade de Observação e Demonstração (UOD) cujo objetivo era o de trazer novas tecnologias para que fossem testadas e repassadas para os produtores. Com as culturas de ciclo curto, as atividades da UOD conseguiram dobrar a produtividade da cebola com relação ao que se tinha em prática no perímetro, por exemplo. Foi a UOD a responsável por estimular a fruticultura após a criação do Distrito, apresentando para os produtores mudas de: goiaba, maracujá, mamão, acerola, carambola, figo, umbu cajá, manga, coco, graviola, uva. O que não deu certo ficou como demonstração no DIM,

mas o que deu certo, andou, que foi o caso da manga, do maracujá, coco. Toda muda foi produzida ai. O importante era testar, era uma

unidade de trabalho fantástica aqui, e o chefe foi seu Valter e a gente tem esse respeito (Ent_2).

Foi somente, portanto, após a implementação do Distrito de Irrigação e da atuação da UOD que houve o real incentivo para a fruticultura e a transformação da comunidade de Maniçoba.

Hoje nós temos um cenário totalmente diferente. Maniçoba hoje está irrigando 8.600 hectares, praticamente dobrou a área irrigada. Nós estamos com 621 famílias que vivem da agricultura irrigada, ou seja, da produção de frutas, produzindo alimentos. E só na área agrícola aqui do perímetro hoje nós temos uma geração de emprego na ordem direta de 6.500 empregos, então você vê que realmente Maniçoba hoje é um perímetro de uma importância muito grande para o município, sem contar, realmente, com a questão da geração de fruta, só na manga, por exemplo, a nossa perspectiva é atingirmos 90 mil toneladas de manga/ano! Nós temos aqui hoje 144.000 toneladas de cana-de-açúcar que a gente produz por ano. Em torno de 10.000 toneladas de uva! Então assim, você vê que é um perímetro que hoje tem uma viabilidade muito grande e com esse crescimento a gente vê também o sucesso dos produtores, isso é realmente uma coisa que me alegra muito, não só eu, mas como a própria CODEVASF, porque hoje é um dos perímetros que realmente é um modelo para a CODEVASF (Ent_1).

A transformação de Maniçoba não foi sentida apenas em termos de aumento da produção e da área irrigada. Houve melhora, sobretudo, na condição de vida do produtor.

Quando a gente fazia reunião aqui com os produtores, e isso é bom lembrar, ali no Centro Social, parecia até uma fábrica da Monark ou da Caloi, de tantas bicicletas que tinha de produtores. E, hoje, quando a gente faz uma reunião aqui com os produtores, parece mais uma fábrica da Toyota (risos) ... a gente só vê carros bons né!? (Mais risos) tem Hilux, S10, esses carros ... quer dizer, mostra realmente a melhoria na qualidade de vida dos nossos produtores, e isso é bom! (Ent_1).

Embora atualmente Maniçoba gere bons frutos, o caminho até o cenário atual não foi sempre exitoso. Os entrevistados consideram que a CODEVASF passou por diversas dificuldades e cometeu alguns erros graves, inclusive por falta de experiência, quando da formação do perímetro. Eles entendem que a implementação de um perímetro de irrigação exige mais do que apenas o assentamento de famílias, ou seja, é fundamental a aptidão das pessoas para a agricultura. No entanto, isso parece não ter sido levado em consideração como principal requisito para os assentamentos.

No início da implantação, a própria CODEVASF buscou pessoas que não tinham nada a ver com a agricultura, mas forçou: vamos para lá! Deu um lote, forçou a pessoa vir para cá. Então eu acho que foi um dos grandes erros [...] foi uma coisa, assim, jogada. Mas também eu não estou culpando não, em hipótese alguma, porque também era uma coisa nova, era uma experiência nova. (Ent_1).

A CODEVASF foi a grande responsável pela distribuição inicial dos hectares do perímetro irrigado de Maniçoba. Para criar o perímetro, a CODEVASF desapropriou as famílias das áreas de sequeiro e assentou-as em lotes irrigados (cada lote possuía em torno de sete hectares). Muitas não queriam ir para o perímetro e aí, nesses casos, recebiam incentivos e benefícios por parte da CODEVASF.

Aí quem era pescador, ficou agricultor. Quem era caçador, quem era vaqueiro, tudo passou a ser agricultor, aí não deu muito certo! Aí

passavam um mês em um lote em outro perímetro aí, Bebedouro e Mandacaru foram os primeiros, faziam um treinamento de um mês ali e vinham para cá, para tomar conta de um lote. Não tinham vocação, e por conta disso, muita gente desistiu... (Ent_2).

Sem critérios (aparentemente) estabelecidos para os assentamentos, foi havendo uma seleção natural das famílias. Muitas foram vendendo seus lotes e outras foram comprando, assim, famílias que, inicialmente, tinham sete hectares hoje são consideradas como médio produtores, com mais de 20 hectares irrigados.

A distinção entre pequenos, médios e grandes produtores é feita através da quantidade de área irrigada que cada produtor possui. São considerados pequenos produtores aqueles que possuem até 15 hectares. São médios aqueles com 16 a 40 hectares de terra. Já os grandes estão na faixa entre 41 e 100 hectares. Atualmente o DIM possui empresários com até 1.700 hectares de área.

O Conselho de Administração, por sua vez, previsto no estatuto do Distrito, é composto por membros de pequenos, médios e grandes produtores. São, ao todo, seis membros efetivos e seus respectivos suplentes: três representantes dos pequenos produtores, dois dos médios produtores e um dos grandes produtores. Embora exista desde a fundação do perímetro, o Conselho de Administração nem sempre foi atuante. Segundo o Ent_2, apenas nos últimos oito anos houve atuação significativa dos membros, época que coincide com o início dos trabalhos da atual gerência.

Quando da criação do Conselho apenas os grandes produtores determinavam as decisões no perímetro. Havia ainda um outro problema: o nepotismo. Era comum os conselheiros quererem tirar proveito do cargo ocupado empregando parentes para trabalharem no Distrito.

Então, abrir uma comporta aqui, para um pequeno, os grandes produtores não aceitavam, era uma coisa travada. Mas hoje não, hoje, a voz que tem o pequeno produtor, é a mesma voz que tem o grande no Conselho (Ent_1).

Com isso, houve uma mudança da percepção dos produtores com relação a atuação do Distrito e a importância dos conselheiros porque compreenderam que o Distrito não era um agente inimigo, e, assim, foi-se acabando com a antiga rivalidade.

Ao assumir a gerência do Distrito, o Ent_1 deparou-se com uma situação financeira bastante delicada, sem condições para a manutenção e operação das atividades do perímetro e com uma dívida de água no valor de quase 2 milhões de reais. A primeira estratégia adotada foi a da aproximação dos produtores junto ao Distrito.

Chamamos todo mundo, fizemos um convite: vamos fazer um grande café da manhã aqui e reunimos o Conselho. Vamos comprar uma moto zero quilômetro, vamos sortear com os produtores que estejam adimplentes. Compramos uma moto zero quilômetro, fizemos um grande café da manhã aqui para todos os produtores. A maior parte deles se esforçaram o máximo para ficarem em dias, para participar do sorteio da moto e para realmente participar daquele belo café. No primeiro ano nós arrecadamos R\$370.000,00 (trezentos e sessenta mil reais)! Investimos R\$6.000,00 (seis mil reais) numa motocicleta e arrecadamos R\$370.000,00 (trezentos e sessenta mil)! Fizemos mais outros cafés. Acabamos fazendo cafés da manhã e foi crescendo esse café. No segundo, no terceiro, no quarto café da manhã foi o último, nós sorteamos três motos, aí foi aquela festa, aquela alegria! (Ent_1).

Ao se aproximar dos produtores e ganhar a confiança deles e da comunidade, o Ent_1 conseguiu reverter uma situação não apenas financeira, mas de investimentos e de aprovação com relação a atuação do DIM. Hoje, o Ent_2 acredita que existe cerca de

95% de aprovação por parte dos produtores com relação à gerência e à atuação do Distrito.

Ao equilibrar as contas do Distrito, o Ent_1 elaborou um plano de investimento para o perímetro com uso de recursos próprios: foram construídas estradas, houve a ampliação de pontos de colheita (as carretas não conseguiam entrar nos lotes porque não haviam pontes), foram construídas pontes (até o ano de 2016 foram feitas mais de 500 pontes de acesso aos lotes), limpeza dos canais (que não eram vistos devido ao assoreamento). À medida em que foi melhorando a infraestrutura do perímetro, os produtores também foram melhorando a apresentação de seus lotes.

Se você olhar os produtores antes, quando o Distrito era totalmente abandonado, os lotes na frente eram todos cheios de Juremaⁱⁱⁱ. Quando o Distrito começou realmente a agir, fazer realmente uma boa manutenção, boas estradas, cuidar dos canais, os próprios produtores começaram a seguir o mesmo exemplo, limpar e fazer a manutenção de seus lotes. (Ent_1).

Do ponto de vista social e econômico, os entrevistados conseguem visualizar uma melhora substancial na comunidade. Houve uma melhora na educação e um despertar pela agricultura, inclusive dos próprios filhos dos produtores. No entanto, junto com o desenvolvimento, surgiu também a violência, pois Maniçoba cresceu, as vilas cresceram, e sendo uma área que gira muito dinheiro, começou a atrair “forasteiros”. Com a violência, vieram as drogas.

Maniçoba, hoje, é autossuficiente: tem posto de gasolina, comércio, escola, posto de saúde, gera empregos e atrai as pessoas para se fixarem na comunidade. O Ent_2 atribui o crescimento ao desenvolvimento da agricultura irrigada. Em 1987, segundo o Ent_2, haviam apenas umas 8 ou 10 casas na Vila Santa Inês. Atualmente, existem de 1500 a 2000 casas somente nessa vila. Se for considerada a área de colono, juntas, chegam a 10mil habitantes. Maniçoba, no total, tem aproximadamente 18mil habitantes, por esta razão que ambos os entrevistados consideram Maniçoba uma cidade não emancipada.

Embora Maniçoba ainda não esteja emancipada de direito, inclusive da CODEVASF, já consegue ter vida própria. O DIM atende não apenas aos produtores locais, mas também a muitas solicitações de outros perímetros e até da própria CODEVASF. Hoje, não há mais a necessidade de esperar a intervenção (e burocracia) da CODEVASF para manutenção dos equipamentos, por exemplo. Caso ocorra a queima de um motor na estação de bomba, o DIM já tem condições de recuperar o equipamento através da utilização de recursos próprios. Foi através do equilíbrio financeiro do DIM que foi possível realizar manutenção de estradas, de canais, de adutoras e aquisição de veículos. O DIM possui atualmente uma frota própria de veículos novos adquiridos no próprio perímetro de irrigação. É o único Distrito, por exemplo, que entra com uma contrapartida (escavação do reservatório a custo zero) para que produtor possa mudar o sistema de irrigação, caso seja necessário.

É importante salientar que os recursos financeiros do DIM são oriundos do pagamento de uma taxa referente à tarifa d'água. O cálculo dessa tarifa é feito com base nas despesas fixas e variáveis do perímetro e há uma preocupação por parte da atual gerência do Distrito em aplicar uma tarifa que realmente cubra as despesas, mas que não onere a vida do agricultor.

São consideradas despesas fixas, entre outras, a demanda (taxa mínima de energia, atualmente na ordem de R\$80.000,00), a folha de pagamento dos funcionários do DIM, encargos sociais, gastos com telefone. Já para as despesas variáveis consideram-se as obras de manutenção e operação, o consumo de energia (que for gasto a mais da taxa mínima), por exemplo. À tarifa d'água pode ser acrescido também, provisoriamente,

algum valor em forma de taxa extra. Por exemplo, recentemente foi necessário comprar um flutuante^{iv} no valor de R\$437.000,00 (quatrocentos e trinta e sete mil reais). Esse custo foi repassado como cota extra na tarifa d'água, havendo um reajuste de R\$8,50 (oito reais e cinquenta centavos) por hectare durante seis meses.

Nessa perspectiva, quando comparada as tarifas dos outros perímetros irrigados, Maniçoba tem, atualmente, o valor mais baixo de todos os perímetros implementados pela CODEVASF, qual seja: R\$24,00 (vinte e quatro reais) por hectare (fora taxa extra). Estima-se, por exemplo, que para irrigar um hectare o produtor gaste cerca de mil metros cúbicos de água, o equivalente a R\$56,00 (cinquenta e seis reais), então, o custo mensal, por hectare irrigado em Maniçoba está de R\$80,00 (oitenta reais), excluindo-se a taxa extra, sendo considerada, pelo gerente do DIM, como uma tarifa de custo baixo.

Tendo sido contada a história do DIM, é possível perceber que a sua construção, seja ela nos âmbitos econômicos, sociais ou históricos, configura-se em uma verdadeira odisséia vivida no Vale das Frutas. Respeito, transformação, luta e confiança são palavras que caracterizam esse lugar na concepção dos entrevistados. O desafio foi expressão de ordem para que o DIM conseguisse galgar seus objetivos, não sendo uma trajetória fácil e simples. A união da Administração, Conselho e produtores foi de fundamental importância para que o sucesso, enfim, fosse alcançado. Entretanto, ainda existem muitas ações a serem feitas para que a evolução continue, e isso depende, cada vez mais, dos atores envolvidos no DIM.

Importa observar que os relatos obtidos por meio da HO evocam a percepção de que na medida em que o tempo avançou, a comunidade de Maniçoba foi se apropriando de espaços de decisão e assumindo certo protagonismo que era, historicamente, atribuído apenas à CODEVASF.

POR ÚLTIMO, MAS NÃO MENOS IMPORTANTE

Quando se chega ao final de uma história há sempre a expectativa, por parte do leitor, de encontrar um texto com características mais ou menos conclusivas. No entanto, não pretendemos aqui, nesta seção, por um fim a essa história, encerrando o reconto. Também não temos a pretensão de considerar a “nossa versão” como definitiva e acabada.

O que trouxemos neste texto foi um olhar, do ponto de vista dos sujeitos sociais, sobre a história do Distrito Irrigado de Maniçoba, na intenção de compreender de que maneira o envolvimento e a participação em grupos gerou consequências para o indivíduo e para a própria comunidade. Consideramos, portanto, que é possível a construção do conhecimento e a descoberta de uma realidade a partir da “contação de histórias”, modo pelo qual se busca entender “a perspectiva do sujeito sobre si e os fatos sociais, com base em sua própria capacidade de análise e seu momento para tal” (COLOMBY et al, 2016, p.822).

Sobre a perspectiva do uso da História Oral no campo dos estudos organizacionais, concordamos com Barros e Carrieri (2015, p.151) no sentido de que se torna importante “descolonizar o olhar do pesquisador, abrindo espaço para que as construções teóricas elaboradas na periferia do campo acadêmico possam ser destacadas”. Não se trata apenas de uma libertação do paradigma dominante por parte dos pesquisadores, é preciso também quebrar o estigma que os editoriais têm sobre estes tipos de produção, que ainda são consideradas como “flores exóticas” (PAES DE PAULA, 2015) pelos principais periódicos da área. Nessa perspectiva, espera-se que esse estudo possa contribuir para diminuir a lacuna de produções com viés crítico, conforme apontada por Cassundé, Barbosa e Mendonça (2016) nos estudos organizacionais, na medida em que os autores apresentam uma preocupação genuína

para com as questões sociais, intensificando a transformação social que gostariam ver no mundo.

A história do DIM, por sua vez, foi repleta de dificuldades, sendo os produtores atores fundamentais no processo de formação e transformação econômica e social do lugar. Os obstáculos encontrados, ao longo do tempo, serviram para que os produtores se unissem para buscar melhorar sua produção, saindo de uma vida de subsistência para, enfim, conquistar espaço e reconhecimento na e da sociedade. Nesse sentido, compreende-se que as modificações que levaram o DIM a ser considerado modelo para outros perímetros perpassam por uma atuação conjunta dos diversos atores sociais que vivem no local, que modificaram suas condutas, tornando as relações entre si e o enfrentamento dos problemas algo mais fluido. Assim, essa interação conjunta, voltada para o crescimento do Distrito, gerou a sinergia que fez o DIM alcançar o patamar de sucesso que se encontra atualmente.

Como limitação, entende-se que as entrevistas aplicadas precisam, em pesquisas futuras, atingir um maior contingente de pessoas, com o propósito de cruzar as informações coletadas, para que se ratifique a realidade construída através da memória dos moradores do DIM.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALCADIPANI, Rafael. Academia e fábrica de sardinhas. **O&S**, v.18 - n.57, p. 345-348, Abril/Junho, 2011.
- ALCADIPANI, Rafael; ROSA, Alexandre Reis. O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do “borat” brasileiro. **RAE**, v. 50, n. 4, p. 371-382, 2010.
- ALENCAR, Valter Matias. **Distrito de Irrigação do Perímetro de Maniçoba**. 2015. Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/documents/10157/1526694/PI+Mani%C3%A7oba+-+DIM.pdf>>. Acesso em: 31.03.2017.
- AMTOFT, Mette. Storytelling as a support tool for project management. **International Journal of Project Management**, v.12, n.4, p.230-233, 1994.
- ARRAES, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitanias da Bahia e Pernambuco. **An. mus. paul.** v. 21, n. 2, p. 47-77, 2013.
- ASTLEY, W. G. Administrative science as socially constructed truth. **Administrative Science Quarterly**, v. 30, n. 4, p. 497-513, Dec. 1985.
- BARBOSA, Milka Alves Correia et al. “Positivismos” versus “Interpretativismos”: o que a Administração tem a ganhar com esta disputa? **Organizações em contexto**, v. 9, n. 17, jan.-jun. 2013.
- BARBOSA, P. M. S.; FERNANDES, L. R. R. M. V.; LAGE, C. L. S. Quais são as Indicações Geográficas brasileiras? **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 10, p. 317-347, 2013.
- BARROS, Amon; CARRIERI, Alexandre de Pádua. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **RAE**, v. 55, n. 2, p. 151-161, mar.-abr. 2015.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality: a Treatise in the Sociology of Knowledge**. New York: Penguin Books, 1966.
- BOYCE, Mary E. Organizational story and storytelling: a critical review. **Journal of Organizational Change Management**, v. 9, n. 5, p. 5-26, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica no campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CALIXTO JÚNIOR, João Tavares; DRUMOND, Marcos Antônio; ALVES JÚNIOR, Francisco Tarcísio. Estrutura e distribuição espacial de *Mimosa tenuiflora* (willd.) Poir. em dois fragmentos de caatinga em Pernambuco. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 24, n. 2, p. 95-100, abr./jun., 2011.

- CAMELO FILHO, José Vieira. A dinâmica política, econômica e social do Rio São Francisco e do seu vale. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 17, p. 83-93, 2005.
- CARNEIRO, Adele de Toledo. Pode a área de Estudos Organizacionais ser historiográfica? **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 987-1017, dez. 2016.
- CASSUNDÉ, Fernanda Roda; BARBOSA, Milka Alves Correia; MENDONÇA, José Ricardo Costa. A influência da tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros: o que mudou (ou não) nos últimos 15 anos? **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 1, p. 238-254, jan./jun. 2016.
- CASSUNDÉ JUNIOR, Nildo Ferreira. **Internacionalização e Dimensões organizacionais: Proposta de um Framework Teórico-Dinâmico**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2015.
- CHASE, Susan E. Narrative inquiry: multiple lenses, approaches, voices. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The Sage Handbook of Qualitative research**. 3rd. ed. California: SAGE, 2005.
- CODEVASF. **Manicoba**. 2017. Disponível em: <<http://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-projetos/manicoba>>. Acesso em: 31/03/2017.
- CODEVASF. **Perímetros irrigados transformam vida de pequenos produtores**. 2012. Disponível em: <<http://www.codevasf.gov.br/noticias/2007/perimetros-irrigados-transformam-vida-de-pequenos-produtores/?searchterm=mani%C3%A7oba>>. Acesso em: 28/02/2017.
- COLOMBY, Renato Koch et al. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.3, n.8, dez. 2016.
- COSTA, Alesandra Mello; BARROS, Denise Franca; MARTINS, Paulo Emilio Matos. Perspectiva Histórica em Administração: Panorama da Literatura, Limites e Possibilidades. In: ENCONTRO DA ANPAD, 33, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2009.
- CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. California: SAGE, 2014.
- EASTERBY-SMITH, Mark; THORPE, Richard; JACKSON, Paul. **Management Research**. 15.ed. London: Sage Publications, 2015.
- FERREIRA, Fábio Vizeu. Potencialidades da análise histórica nos Estudos Organizacionais brasileiros. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 37-47, Mar. 2010.
- FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FREITAS, Elis Magalhães; RUPOLO, Merlise; OLIVEIRA, Brigitte Renata Bezerra. Processo de internacionalização de uma empresa do vale do São Francisco: influência dos agentes externos e das escolhas gerenciais. **InternexT**, v. 9, n. 1, 2014.
- FRIDENSON, Patrick. Business History and History. In: JONES, Geoffrey; ZEITLIN, Jonathan. **The Oxford Handbook of Business History**. New Yoirk: Oxford University Press, 2008.
- GALVÃO, Alberto Sabino Santiago. **Ciclos econômicos recentes e perspectivas para a região do submédio Vale do São Francisco com ênfase na fruticultura irrigada**. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia Aplicada) - Programa de pós-graduação em economia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, 2010.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GIVEN, Lisa M. **The SAGE Encyclopedia of qualitative research methods**. v.2. California: Sage Publications, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. **Gestão.Org**, v.3, n.2, mai./ago. 2005.

GOMES, Almiralva Ferraz; SANTANA, Wesley Gusmão. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 8, n. 1, 2010.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner. **Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional**, 2003.

JAMES, Camille H.; MINNIS, William C. Organizational storytelling: It makes sense. **Business Horizons**, v. 47, n. 4, p. 23-32, 2004.

LANDIM, M. de F. M.; ALENCAR, M. T. Urbanização e Agronegócio: Petrolina, a cidade em cena. **Revista Equador**, v. 1, p. 4--22, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEÃO, Éder Lira de Souza; MOUTINHO, Lúcia Maria Góes. O arranjo produtivo local de fruticultura irrigada do Vale do Submédio do São Francisco como objeto de política. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 13, n. 3, p. 829-858, set./dez. 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MARINOZZI, Gabrio; CORREIA, Rebert Coelho. Dinâmicas da agricultura irrigada do polo Juazeiro-BA/Petrolina-PE. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 37., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Brasília, DF: SOBER, 1999.

MATOS, Aécio Gomes de. **Organização social de base: reflexões sobre significados e métodos**. Brasília: Abaré, 2003.

MATOS, Fátima Regina Ney; ALMEIDA, Ana Márcia. Projeto Russas: um exemplo de intervenção sociológica. **Cad.EBAPE.BR**, v. 5, n. 1, mar. 2007.

MATTOS, Pedro Lincoln Carneiro Leão. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 823-47, jul./ago. 2005.

MATTOSINHO, C. M. S.; HORA, G.B; SANTOS, M. R. F.; XAVIER, M. G. P. Desempenho do Beneficiamento da Uva de Mesa: Um Estudo de Caso na Região do Submédio São Francisco. In: 51º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER, 2013, Belém/PA. **Anais...** Belém/PA: SOBER, 2013.

MELLER, Fabrízio; HERNANDES, Claudio Aurélio; ATAMANCZUK, Maurício João. Uma reflexão epistemológica sobre a formação do Administrador e a sua ciência. In: III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, 2013, Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis/SC: UFSC, 2013.

MELO, Paulo Thiago Nunes Bezerra; REGIS, Helder Pontes; VAN BELLEN, Hans Michael. Princípios epistemológicos da teoria do capital social na área da administração. **Cad.EBAPE.BR**, v. 13, n. 1, Jan./Mar. 2015.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis**. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 11.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

ORTEGA, Antônio César; SOBEL, Tiago Farias. Desenvolvimento territorial e perímetros irrigados: avaliação das políticas governamentais implantadas nos perímetros irrigados Bebedouro e Nilo Coelho em Petrolina (PE). **Planejamento e Políticas Públicas**, n.35, jul./dez. 2010.

PAES DE PAULA, A. P. Apresentação: Estudos organizacionais críticos e pensadores nacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 13, n. 3, p. 410-413, 2015.

PERECMAN, Ellen; CURRAN, Sara R. **A Handbook for Social Science: Field Research - Essays & Bibliographic Sources on Research Design and Methods**. California: Sage Publications, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena. **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

QUEIROZ, Manoel Abílio et al. Plant breeding in the semiarid region of Brazil: examples of success. **Crop Breeding and Applied Biotechnology**, v.12, no.spe, p.57-66, 2012.

RIBEIRO, Kleber Ávila et al. APL como uma estratégia de potencializar as fronteiras mercadológicas do apicultor no perímetro de irrigação Sen. Nilo Coelho em Petrolina/PE. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, p. 99-120, 2013.

RIBEIRO, Maria Cristina; MACHADO, Ana Lúcia. O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 578-591, 2014.

SAMPAIO, Bárbara Évelin Oliveira; CASSUNDÉ, Fernanda Roda de Souza Araújo; CASSUNDÉ JUNIOR, Nildo Ferreira. Mangicultura e Vale das Frutas: quais as contribuições científicas da engenharia de produção? **Rev. Agro. Amb.**, v. 10, Edição Especial, p. 9-32, maio 2017.

SAMPAIO, Yoni; SAMPAIO, E Everardo V. **Ensaio sobre a economia da fruticultura irrigada**. Fortaleza: BNB, 2004

SANTOS, João Almeida; MASSAROPPE, José Antônio; VIEIRA, Almir Martins. Contribuições da história oral como método de investigação organizacional. In: **XXIII Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração**, Bento Gonçalves RS, 2012.

SILVA, Thieres G. F. et al. Fator de desacoplamento em um canal irrigado no submédio do Vale do São Francisco. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, v.16, n.8, 2012.

TOURAINÉ, Alain. O método da sociologia da ação: a intervenção sociológica. **Novos estudos**, n.3, julho 1982.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

TRUESDELL, Barbara. **Oral history techniques: how to organize and conduct oral history interviews**. Center for the Study of History and Memory, 2013.

VIZEU, F. Em algum lugar do passado: contribuições da pesquisa histórica para os estudos organizacionais brasileiros. In: ENCONTRO DA ANPAD, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

ⁱ Valter Matias de Alencar, gerente do DIM, está em Maniçoba há 30 anos e à frente da gerência do DIM há 8 anos e 6 meses à época da realização da entrevista. Além de gerente do DIM é também produtor. É bacharel em Administração.

ⁱⁱ João Batista, mais conhecido como Dezinho de Maniçoba, é o atual presidente do Conselho de Administração dos produtores. Está em Maniçoba desde o início da criação do perímetro, considerando-se um “verdadeiro filho de Maniçoba” (Ent_2).

ⁱⁱⁱ Jurema é uma planta arbustiva típica das áreas semiáridas do Brasil. Possui espinhos e apresenta grande resistência às secas, com grande capacidade de rebrota durante todo o ano (CALIXTO JÚNIOR, DRUMOND, ALVES JÚNIOR, 2011).

^{iv} Flutuante é uma estrutura que capta água no nível do leito do rio e leva para a estação de bombeamento principal do perímetro de modo a garantir o abastecimento dos irrigantes (produtores que possuem área irrigada).